

*Recitado por Policárpio António Lousada, de 83 anos de idade. Bornes (c. de Macedo de Cavaleiros), 5 de Agosto de 1980 (23B104).*

- O conde Ninho o cavalo vai banhar.  
 2 — Venha cá, ó meu pai, se quer ouvir um lindo cantare.  
 — Ou são os anjos no céu ou as sereias no mar.  
 4 — Nem são nos anjos no céu nem a sereia no mar,  
 é o conde Ninho, que comigo quer casar.

144

- 6 — Cala-te aí, minha filha, que eu mando-o já matare.  
 — Se o mandares a ele matar, a mim mandai-me degolar;  
 8 um enterrai-o às portas, outro ao pé do altare.  
 E um cresceu e outro cresceu, à ponta se foram juntar.  
 10 E el-rei ia p'ra ir à missa e não o deixaram entrar,  
 e el-rei voltou p'ra trás e tratou de os mandar cortar.  
 12 E dum nasceu ãa pombinha, doutro um pombo trocale;  
 um voou, outro voou, p'r'às bandas d'além do mar,  
 14 e à porta do rei se le vieram a pousar.  
 — Que fazes aqui, ó pombinha, que fazes aqui, pombo trocal?  
 16 — Pois é o conde Ninho, que tu mandastes matare.  
 E el-rei deitou um decreto por todo aquele lugare:  
 18 Ó pais que tendes as filhas, não le conturbeis o casare,  
 que nem na morte nem na vida se puderam apartare.

145